

Romarias, uma democracia de fraternidade

FOTOGRAFIAS DE ANTÓNIO PACHECO

A maior parte das principais e mais antigas tradições religiosas açorianas veio com os povoadores, tendo algumas adquirido nos Açores características diferentes das originais. Por isso, ao contrário de análises superficiais que atribuem a religiosidade dos açorianos ao temor dos terremotos e dos vulcões, o que aconteceu foi a permanência da fé que acompanhou os primeiros que aqui chegaram. Podem servir de prova Santa Maria, Flores e Corvo onde, embora não havendo motivos para temer tragédias daquela natureza, a vivência religiosa sempre foi tão intensa como nas outras ilhas. Mas as romarias quaresmais são um caso à parte. Nasceram em São Miguel sem qualquer influência exterior, a não ser uma vaga inspiração nas peregrinações em grupo, cujo primeiro destino foi Roma, de onde derivou o nome “romaria”. E, pela quantidade de penitentes que todos os anos percorrem as estradas de São Miguel, pela extensão do percurso e pela sua existência secular fazem parte do número das grandes peregrinações do mundo cristão.

O povo não escreve as suas próprias crónicas, mas muitas memórias passam de geração em geração e sobrevivem durante séculos. Da origem das romarias, porém, não se sabe de fonte segura qual tenha sido ela. Possivelmente foi uma maneira de os sobreviventes da subversão de Vila Franca do Campo se penitenciarem pelos pecados por que supostamente Deus castigara o seu povo, naquela terrível noite de 22 de Outubro de 1522. E ao mesmo tempo suplicavam que os protegesse, por intercessão da Virgem, que, sob a invocação do Rosário, se venerava numa pequena e pobre ermida, a primeira que foi construída depois da tragédia, a poente dos escombros ainda muito recentes. Da curta romaria até ao modesto templo terão os penitentes passado a visitar outras igrejas onde houvesse um altar dedicado à Virgem. E como, para um ilhéu, a ilha é a medida ou o limite de todas as coisas, a pouco e pouco se terá alargado a peregrinação ao seu périplo completo.

Como é habitual a respeito de muitos outros fenómenos religiosos, não tem faltado quem pretenda encontrar estranhas explicações, mais ou menos míticas, esotéricas ou outras, para a maneira como as romarias acontecem. Seja no que respeita à época do ano em que os romeiros fazem a sua caminhada, ligando-a aos ciclos ancestrais das colheitas, ou à orientação seguida, no sentido dos ponteiros do relógio. Se é verdade que as romarias se verificam num tempo em que, com o fim do Inverno, a natureza renasce, e que, nos Açores, é quando a terra e o mar menos trabalho requerem ou permitem, nada nos obriga a ver nesses factos causa e consequência. Sendo elas um exercício de penitência, nenhum outro período do calendário católico seria mais apropriado do que o da Quaresma. Quanto ao andamento da esquerda para a direita, ele terá resultado simplesmente da distribuição do povoamento ao longo da ilha. Os lugares e igrejas mais importantes situavam-se a poente da Vila Franca, pelo que, se realmente as romarias tiveram o seu início na primeira capital da ilha, o mais natural teria sido



Romeiros da São Miguel

que os romeiros começassem por dirigir-se para Água de Pau, Lagoa e Ponta Delgada. Esta orientação do percurso pode servir até de prova circunstancial de que foi em Vila Franca do Campo que nasceram as romarias de São Miguel.

Uma tão grande penitência supõe uma muito grande angústia, não havendo na história dos Açores outra maior que a daquela noite de 22 de Outubro de 1522. E na memória popular ficou a tradição de que os romeiros rezam sobretudo para que Deus nos proteja do poder destruidor da natureza vulcânica. Há muitos anos, dizia uma senhora de idade avançada que éramos poupados a tais calamidades porque “estes montes e estes caminhos estão cheios de Ave-Marias”. Além desta, que é a oração mais vezes repetida, e a única que se ouve, cantada, enquanto os romeiros caminham, há outras que ecoam em todas as igrejas. A suplicação “Senhor Deus, misericórdia”, que pode resumir as intenções por que tanto se sacrificam os romeiros, é de grande tradição também nos ritos quaresmais de muitas outras igrejas em que se reze em português, como na Beira Interior ou até mesmo em Goa. Nesta, há uma versão a quatro vozes verdadeiramente arrebatadora.

O padre José Francisco Pacheco, na sua tese de doutoramento, que teve como tema as romarias quaresmais, dá-lhes uma dupla origem – Vila Franca do Campo e Ribeira Seca. O sismo de 1522, que provocou deslizamento de terras que subverteram a então capital de São Miguel, e que também causaram muitos danos na Maia e em outras povoações, fez surgir um pouco por toda a ilha peregrinações de penitência. Os fiéis de Vila Franca do Campo terão peregrinado sobretudo entre Água de Alto e Ponta Garça (Nossa Senhora das Mercês). Mais tarde, quando da erupção do Pico do Sapateiro, em 1563, o lugar mais atingido foi a Ribeira Seca da Ribeira Grande, que ficou em parte destruída pelas lavas do vulcão. Por isso terão sido os seus habitantes os que com mais temor e aflição suplicaram o auxílio divino, sendo as romarias uma das maneiras de o fazer, acorrendo às igrejas e ermidas de entre Calhetas

e Ribeirinha. Durante os dias de maior aflição, tais peregrinações foram quotidianas, passando depois a ter lugar apenas à 4ª-feira. Nada se sabe, porém, quando acabou essa fase, nem quanto tempo demorou até as romarias se tornarem no que são hoje.

A organização das romarias impressiona por funcionar como uma democracia de fraternidade. Todos os romeiros se tratam por irmãos e assim designam qualquer pessoa a quem falem. O mestre merece respeito absoluto, sem se olhar a estratos sociais ou culturais, ainda que haja sob a sua orientação professores universitários ou sacerdotes. Como seu primeiro colaborador tem o contra-mestre, havendo ainda os ajudantes (para as orações). É o lembrador das almas que anuncia as intenções dos pedidos de oração recebidos pelo procurador das almas. E os despenseiros cuidam de que nada falte daquilo de que os irmãos necessitem.

O dogma da comunicação dos santos tem, nos ranchos, uma interpretação simples mas canonicamente perfeita. Os fiéis que pedem ao procurador das almas um Pai-Nosso ou uma Ave-Maria, em memória dos seus defuntos ou por outra intenção qualquer, têm a obrigação de rezar a mesma oração tantas vezes quantos são os romeiros... mais três, porque é sempre considerada a companhia de Jesus, Maria e José. Nas casas onde são recebidos para pernoitar, aceitam incondicionalmente a caridade que lhes é concedida, muitas vezes inferior, em comodidade ou qualidade da alimentação, àquilo a que estão habituados. Pagam-na com a oferta das suas orações, simbolizada no terço que deixam sobre a mesa. Este é o que levam ao pescoço durante a caminhada, e onde assinalam os terços já rezados, sendo que o outro, aquele cujas contas desfiam, os acompanha para o descanso tão necessário. E saúdam com o mesmo respeito, quando chegam, ao cair da noite, ou quando partem, a meio da madrugada, uma mansão ou um casebre.

As orações à porta de cada igreja e no seu interior são vividas de um modo especial pelos romeiros, normalmente acompanhados por habitantes do lugar, que lá acorrem por devoção ou mera curiosidade. Para os cân-

onicos no adro e no interior do templo são, naturalmente, escolhidos os irmãos com melhor aptidão, porque é esse talvez o único momento em que os romeiros sentem um certo orgulho por aquilo que fazem. E impressiona a ordem com que todos deixam o bordão à frente da porta, conforme a posição que ocupam no rancho, de tal maneira que, à saída, cada qual retoma o seu quase sem o olhar.

Findos os oito dias da romaria, os romeiros são recebidos em ambiente festivo. Mas nenhum romeiro deixa de o ser nesse momento. E não apenas porque ainda visitará familiares e amigos a oferecer-lhes as intenções de alguns dos terços que rezou durante a romaria, mas porque um romeiro se considera como tal durante o ano inteiro.

Até há algumas décadas, as romarias demoravam nove dias, coincidindo a entrada com a missa do dia do Domingo. Mas, com a celebração das missas vespertinas no Sábado, a pouco e pouco os ranchos de toda a ilha foram alterando uma rotina secular para darem entrada nesse dia à noite.

As romarias são a mais recente emigração cultural micaelense, embora com compreensíveis adaptações ao modo de vida e à geografia local, tendo já devotos praticantes em cidades como Fall River, New Bedford ou Toronto. Mas até em outras duas ilhas do arquipélago, a Graciosa e a Terceira, já se ouvem romeiros cantando a Ave-Maria. A confirmação de que nada como a fé uniu tanto os açorianos ao longo dos séculos.

(Nota – Registo o meu agradecimento ao Fernando Maré, amigo a quem normalmente recorro quando tenho de falar sobre as romarias de São Miguel.) ♦

DANIEL DE SÁ
ESCRITOR E INVESTIGADOR
daniel.de.sa@sapo.pt

PROMOTOR



Governo dos Açores
PRESIDÊNCIA DO GOVERNO
Direção Regional da Cultura